



ESPECIAL

JORNALISMO CONTRACULTURAL

Sílvio Ricardo Demétrio¹

RESUMO: Como fenômeno, o *new journalism* está vinculado diretamente à contracultura. É possível pensar até uma extrapolação do fenômeno de modo a estabelecer parâmetros mais abrangentes que configurem uma noção de uma atitude epistêmica voltada para um jornalismo contracultural como um conjunto de pressupostos que pode ser observado na produção de alguns jornalistas. O presente artigo trabalha com esse horizonte a partir das noções nietzschianas de "valor" e de "bem comum" como antagonicas.

PALAVRAS-CHAVE: *Contracultura. New Journalism. Jornalismo Literário.*

ABSTRACT: As a phenomenon, new journalism is directly linked to the counterculture. It is even possible to think of an extrapolation of the phenomenon in order to establish broader parameters that configure a notion of an epistemic attitude towards countercultural journalism as a set of assumptions that can be observed in the production of some journalists. This article works with this horizon from Nietzsche's notions of "value" and "common good" as antagonistic.

KEYWORDS: *Counterculture. New Journalism. Literary Journalism.*

¹ Possui graduação em Comunicação Social Jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina (1994), mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (2001) e doutorado em Epistemologia da Pesquisa Em Comunicação pela Universidade de São Paulo (2007). Atualmente é professor adjunto da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: silviodemetrio@uel.br

Revista ALTERJOR

Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA-USP)

Ano 11 - Volume 02 - Edição 24 - Julho-Dezembro de 2021

Av. Professor Lúcio Martins Rodrigues, 443, Cidade Universitária, São Paulo, CEP: 05508-020

“Não escrevo contra alguém ou algo. Para mim, escrever é um gesto absolutamente positivo: dizer o que se admira e não combater o que se detesta. Escrever para denunciar é o mais baixo nível da escrita.

Em contrapartida, é verdade que escrever significa que algo não vai bem no estado da questão que se deseja abordar. Que não se está satisfeito. Então, eu diria: escrevo contra as ideias prontas. Escrevemos sempre contra as ideias prontas. “

Gilles Deleuze

Não existe uma definição que dê conta de algum tipo de jornalismo que tenha sido contracultural em essência a não ser a de Michael Johnson, que em seu livro relaciona o *new journalism* à contracultura². O ensaio a seguir tenta explorar as possibilidades que a aproximação desta escola americana de jornalismo com o fenômeno da contracultura sugerem como pressupostos para uma prática jornalística alternativa em relação aos padrões ditados pelo mercado de comunicação contemporâneo, bem como mapear as principais influências, se elas existiram, na prática jornalística de contestação aos modelos adotados pela grande imprensa. No caso específico do *new journalism*, esta contestação se dá pelo investimento na experimentação estética com o discurso jornalístico – essa é a característica fundamental deste fenômeno – o que o coloca em choque frontal com os valores sobre os quais se assenta a concepção característica da linguagem jornalística.

291

O assunto rende um tom preponderantemente polêmico por se instalar numa zona de conflito dada pela ética. O que está em jogo é a territorialidade demarcada por valores sedimentados ao longo do processo histórico que estratifica o jornalismo na lógica da “*capitalização do espírito*” apontada por Lukacs em sua leitura de *Ilusões Perdidas* de Honoré de Balzac. Seguindo as colocações desse autor, José Miguel Wisnik descreve a paisagem desse conflito dramatizado pela obra de Balzac:

² JOHNSON, Michael. *The New Journalism – Understanding Press, the Artists of NonFiction, and Changes in the Established Media*. Lawrence, Manhattan, Wichita, University Press of Kansas, 1971.

“Os poderes do jornalismo são objeto de uma anatomia virulenta: para Balzac a imprensa parece concentrar o mal do mundo consumado na mercantilização, dissipando o lastro do valor universal e pulverizando todo compromisso ético. (...) O que está em questão nessa poderosa obra de arte é o destino problemático da própria literatura diante dessa nova máquina de representar o mundo: o jornal diário e de massa.(...)”

(...) A expansão da indústria editorial cria o campo litigioso em que se confrontam, no mesmo veículo, através da representação literária e da representação jornalística, duas formas de ficção que disputam a mimese da vida moderna.³

Essa estratificação do jornalismo num contexto que o vincula à expansão do mercado editorial desde o século XIX o coloca em litígio em relação à literatura. Há um conflito instalado na demarcação de um novo modo de semiotização que é genético em relação ao jornalismo como modalidade discursiva. Balzac o vê como detentor de um valor fundamentalmente decadente onde o que prevalece é a licenciosidade dos “*espadachins das frases feitas*”. É que a emergência dessa nova maneira de representar o mundo arroga para si a legitimidade que na literatura foi conquistada pelo realismo, onde a referencialidade e a perspectiva são fundantes de sua estética singular.

292

O realismo demarca um território fundamental para a literatura no modernismo: a emergência de uma estética em que a linguagem é vista como uma matéria a ser moldada através da experimentação na prosa. Em nenhum momento o realismo aqui significa uma concepção da linguagem atrelada ao conteúdo, mas o refino de sua potência expressiva na representação de sua própria condição de discurso. Em termos psicanalíticos, o realismo se define pelo “real que falta” – Lei que se revela na linguagem como apreensão desta falta. No realismo não se constroem representações fundamentadas num suposto valor de uma linguagem equivalente à realidade, mas a realidade da linguagem propriamente dita.

³ WISNIK, José Miguel. *Ilusões Perdidas*. In NOVAES, Adauto. *Ética*. São Paulo, Cia das Letras, 1992. pp. 323-324.

Paulo Leminski é quem avalia o conflito apontado por Wisnik nas Ilusões Perdidas, confrontando o realismo com o naturalismo na literatura em relação à forma de legitimação discursiva reivindicada pelo jornalismo:

“Invoca-se em vão o nome do realismo, que se procura confundir com o naturalismo. Realismo, quer dizer, discurso carregado de referencialidade, não é sinônimo de naturalismo. Ao contrário. O discurso realista não camufla a perspectiva. Realistas (e não naturalistas) são textos como o “Ulysses” de James Joyce. Ou as “Memórias Sentimentais de João Miramar”, de Oswald de Andrade”.⁴

Para Leminski o valor sobre o qual o jornalismo busca legitimar sua forma discursiva é uma assimilação do naturalismo. Neste, ao contrário do realismo, é o conteúdo e não a forma que é visto como determinante no plano da linguagem. O naturalismo pode aqui ser entendido como uma estética na qual a linguagem é vista como uma positividade. A partir do que propõe Leminski pode-se entender a relação entre a concepção de linguagem do realismo em confronto com o discurso jornalístico como uma extensão das diferenças que este entretém com o naturalismo:

293

“Naturalismo, academicismo. O apogeu do naturalismo (Europa, segunda metade do século XIX) coincide com a explosão do jornalismo. O discurso jorno/naturalista representa o triunfo da razão branca e burguesa: o discurso naturalista é a projeção do jornalismo na literatura.”⁵

Note-se que o período apontado por Leminski coincide exatamente, no plano histórico, com o conflito detectado por Lukacs na obra de Balzac. Seguindo a linha traçada por Leminski o jornalismo pode ser entendido como uma forma de discurso na qual se projeta a concepção de linguagem cara ao naturalismo:

A “neutralidade” (objetividade) do discurso jorno/naturalista é uma convenção. Assim como a clareza, apenas uma propriedade (retórica) do discurso. Não há texto literário sem perspectiva, quer dizer, sem

⁴ LEMINSKI, Paulo. Forma é Poder. Folha de São Paulo, Folhetim, 04/071982.

⁵ IDEM.

intervenção da subjetividade. No texto naturalista (ou jornalístico), essa perspectiva é camuflada, sob as aparências de uma objetividade, uma Universalidade que – supostamente – retrata as coisas “tal como elas são”.⁶

Daí a origem dos protocolos que irão sedimentar uma discursividade construída sobre a transparência calculada do conteudismo jornalístico. A imagem de uma objetividade que o é reflexo da ideologia que a sustenta:

“No discurso jorno/naturalista, o poder afirma, sob as espécies da linguagem verbal, a estabilidade do mundo, DE UM CERTO MUNDO, suas relações e hierarquias. O discurso, esse, em sua aparente neutralidade, é ideológico, embora invisível (ou por isso mesmo): é ideologia pura. Sua estabilidade é catártica: nos consola e engana com a imagem de uma estabilidade do mundo. De UMA CERTA ESTABILIDADE. Uma estabilidade relativa à visão do mundo de uma dada classe social muito bem localizada no tempo e no espaço.”⁷

É esta a estratificação que fundamenta o jornalismo no plano da linguagem. Seu *ethos* é decorrente de uma normatização segundo os valores que emergem do poder que se insinua no apetite das manchetes ávidas muito mais pelo efeito que podem provocar nas vendas do que representar algo de um mundo. Para Leminski existe um devir poético na recuperação de uma potência realista da linguagem no jornalismo. Tal potência é exatamente a mesma que fundamenta o fenômeno do *new journalism*. Segundo Tom Wolfe o que caracteriza o *new journalism* é uma atitude crítica em relação aos modelos do que ele chama de “jornalismo totem”⁸. Crítica que encontra sua expressão no experimento estético, carregando o texto jornalístico de referencialidade num movimento oposto a um investimento no conteúdo. A forma do discurso é tratada como artifício e, em nenhum momento se constrói nada que encubra este estatuto. Isto faz com que a discursividade do *new journalism* seja aberta por carregar a linguagem de subjetividade. Isto pode ser exemplificado pelo recurso literário do fluxos de consciência que Wolfe

⁶ LEMINSKI, Paulo. Forma é Poder. Folha de São Paulo, Folhetim, 04/071982

⁷ IDEM

⁸ WOLFE, Tom. The New Journalism. New York, Harper & Row, 1973.

insere em seu livro reportagem sobre os Merry Pranksters⁹ (grupo que na década de 60 acompanhava o escritor Ken Kesey). Wolfe trabalhou com materiais espúrios ao jornalismo convencional, consultando cartas em que Kesey descrevia a amigos suas experiências com drogas e seus sonhos, como base para criar estes fluxos de consciência. À objetividade tabu do jornalismo se contrapõe aqui um investimento na subjetividade. Segundo Leminski, tal recurso é legítimo no sentido de se recuperar a potência realista projetada então para o discurso jornalístico:

“Uma prática do texto criativo, coletivamente engajada, tem a função de desautomatizar. De produzir estranhamento. Distanciamento. É desmistificação de “objetividade” inscrita no discurso naturalista. Essa objetividade é falsa. Ela apenas reflete a visão do mundo de dada classe social, de determinada civilização. Sua pretensão a “discurso absoluto” é totalitária.

Violação. Ruptura. Contravenção. INFRATURA. A poesia diz “eu acuso”. E denuncia a estrutura. A estrutura do Poder, emblematizada na “normalidade” da linguagem. Só a obra aberta (= desautomatizada, inovadora), engajando, ativamente, a consciência do leitor, no processo de descoberta/criação de sentidos e significados, abrindo-se para sua inteligência, recebendo-a como parceira e (co)laboradora, é verdadeiramente democrática.”¹⁰

É diante de um plano assim que se pode tomar o *new journalism* como uma forma de jornalismo contracultural. Não somente pela conformação dada pelo âmbito histórico no qual ele se inscreve enquanto fenômeno, mas principalmente por investir num conflito que a normatização do discurso jornalístico buscou elidir através de um discurso de poder que assujeita o leitor numa passividade característica da indústria da cultura. Por contracultural aqui pode-se entender o quadro definido por Norbert Elias¹¹ de uma sociologia das relações de poder entre estabelecidos e *outsiders*. O fato de haver um *establishment* do jornalismo, pressupõe a existência de um plano de exclusão que o fundamenta. Não há poder estabelecido sem o recorte que este produz. Todo poder se

⁹ WOLFE, Tom. *The Electric Kool-Aid Acid Test*. New York, Farrar, 1968.

¹⁰ LEMINSKI, Paulo. *Forma é Poder*. Folha de São Paulo, Folhetim, 04/07/1982

¹¹ ELIAS, Norbert e SCOTSON, John. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.

nutre das relações pelas quais o *stablishment* se afirma sobre o que se coloca fora de suas determinações. Um jornalismo contracultural seria toda a forma de investimento em valores clandestinos à estratificação do jornalismo convencional. Contracultural neste contexto, portanto, é toda forma de jornalismo que se alinha ao conflito que se torna visível sobre o plano o qual o *new journalism* se instala. Conflito ético porque inscrito no valor fundamental da estratificação do jornalismo: a verdade. Como discute Leminski, a verdade do discurso jornalístico tradicional elide uma verdade anterior – a da linguagem enquanto artifício. Dessa maneira o jornalismo não escapa de uma reiteração dos valores que sustentam um poder que conforma a sociedade segundo um modo de semiotização dominante. O apelo a um estatuto democrático então não passa de uma construção ideológica. Um jogo de poder pelo qual o assujeitamento do leitor em sua passividade é sintoma de uma ordem política que o territorializa assim. A objetividade jornalística pode ser entendida então como um dispositivo de controle no sentido foucaultiano do termo. O quanto mais se apela ao fundamento democrático do jornalismo, se constrói ao mesmo tempo uma ordem rígida na qual os leitores são capturados num jogo de poder. O jornal pode ser entendido como uma rede, um quadriculado que confina, imobiliza e controla. Mas esta é a paisagem que se vê do ângulo do que é estabelecido na mídia. Existe uma virtualidade de outras perspectivas pelo menos enquanto possibilidades. Uma abordagem arqueológica nos moldes propostos por Foucault sugere possibilidades de exploração das sombras que o discurso estabelecido do jornalismo lança sobre os seus segredos de poder. A vocação contracultural do *new journalism* talvez seja uma das mais evidentes por problematizar o jornalismo enquanto enquanto fato lingüístico, o que não é uma abordagem comumente partilhada pela produção acadêmica na área de estudos sobre o jornalismo – problema apontado pela professora Mayra Rodrigues em seu livro sobre “Jornalismo e Ciências da Linguagem”¹².

O fenômeno do *new journalism* e de alternativas afins, como o que nos países de língua espanhola se chama de *periodismo literário de creación*, têm uma abordagem relativamente recente nos estudos sobre

¹² GOMES, Mayra Rodrigues. *Jornalismo e Ciências da Linguagem*. São Paulo, Hacker, 2000

jornalismo no Brasil. Trabalhos como o de Edvaldo Pereira Lima¹³ (“Páginas Ampliadas”), de Marcos Faerman¹⁴, Fernando Resende¹⁵ e o trabalho de João Salvador Faro sobre a revista Realidade, abrem essa discussão que problematiza o jornalismo a partir da sua intersecção com outras formas de construção de relatos e narrativas como a literatura e a história. Tal perspectiva tem como horizonte a discussão das possibilidades de ampliação dos recursos pelos quais o jornalismo se constitui como prática discursiva. De maneira convergente, estes autores partem do *new journalism* como uma referência pela qual se pode projetar uma ruptura com o modelo de texto noticioso que invadiu as redações dos periódicos brasileiros a partir da década de 40.

Aparentemente, a primeira vez no Brasil que o termo jornalismo emerge diretamente relacionado ao fenômeno histórico que Theodor Roszak¹⁶ batizou de *contracultura* foi no subtítulo do livro de Luís Carlos Maciel – “Nova Consciência - Jornalismo Contracultural” – publicado pela Editora Eldorado em 1973. Maciel havia organizado em forma de coletânea uma amostragem da sua produção jornalística na coluna *Underground* do Pasquim e nas páginas marginais da *Flor do Mal* – nanico que ajudou a fundar em 1970 junto com o poeta Torquato Mendonça, Tite Lemos e o artista gráfico e também poeta Rogério Duarte. A capa do número zero da *Flor do Mal* trazia a foto de uma menina negra que o também jornalista, poeta e compositor Torquato Neto havia achado desprezada no chão da redação do *Última Hora* - jornal para o qual trabalhava na época, então publicando a sua coluna *Geléia Geral*.

Talvez esta capa seja o ícone dessa nova dicção no jornalismo brasileiro. Isto porque reúne sob uma mesma imagem os nomes de Maciel e Torquato Neto. Dois nomes pelos quais é obrigatória a passagem para se ter acesso à forma de cultura de resistência que se desenvolveu no período mais duro da repressão militar no país.

Torquato Neto desenvolveu um estilo radicalmente singular de texto jornalístico que não encontra par em coragem de experimentação estética e inventividade. Maciel

¹³ LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas Ampliadas*. Campinas, Editora Unicamp, 1993.

¹⁴ FAERMAN, Marcos. *O Crime no Novo Jornalismo*. VERSUS nº 03, agosto/setembro, 1983.

¹⁵ RESENDE, Fernando. *Textuações – ficção e fato no jornalismo de Tom Wolfe*. São Paulo, Annablume / FAPESP, 2002.

¹⁶ ROSZAK, Theodore. *A Contracultura*. Petópolis, Vozes, 1972

marcou o início de sua produção no Pasquim com a coluna pela qual se articulou uma pedagogia contracultural da cena *udigrudi*¹⁷: abordava desde o Living Theatre, Abby Hoffmann até a anti-psiquiatria de Laing e Basaglia. Ambos podem ser apontados como os detonadores de uma forma de discurso jornalístico enlouquecida, fragmentária, poética: contracultural. Um jornalismo que além de nanico era também marginal- acima de tudo marginal. Fusão do desbunde ao programa libertário da contracultura curto-circuitada à própria forma do discurso jornalístico.

Frente a um mercado de comunicação que coloca sérios impasses à prática do jornalismo impresso – impasses que devem ser problematizados desde o advento da introdução das novas tecnologias de comunicação até a reconfiguração de horizontes projetada por contextos históricos, culturais e políticos como a pós-modernidade e a globalização – é necessária a discussão de um novo perfil que possa libertar o jornalismo impresso do mito da informação pura; dimensão pela qual ele se torna obsoleto diante do que permitem as novas tecnologias.

Retomando a própria origem deste “*modelo americano*” que é a expressão do discurso jornalístico estabelecido, há uma relação direta da forma do lead, por exemplo, com o que gerou a imagem e o conceito de rede de comunicação segundo Mattelart: o telégrafo. Essa tecnologia foi a concretização, num aparelho, dos ideais do imperialismo que caracterizou o plano da política internacional que define século XIX. A partir do cabeamento sob o Atlântico se tornou possível a cobertura de acontecimentos na Europa por parte de periódicos americanos. Como as linhas eram ainda precárias e em algumas situações o risco de queda da rede era muito grande, como numa guerra, convencionou-se que a abertura de uma matéria deveria conter os dados fundamentais sobre o acontecimento – convenção que gerou o que hoje se chama de lead (cabeça de matéria). Esse procedimento garantia que mesmo com uma queda e a interrupção da mensagem transmitida pelo correspondente haveria a possibilidade de, a partir dos dados básicos do

¹⁷ Atribui-se à coluna de Maciel – “underground” – a origem do termo que a partir da década de 70 passou a designar a cena da cultura marginal que não se relacionava imediatamente com as formas convencionais de resistência política à ditadura militar – o cinema marginal de Sganzerla, Bressane, por exemplo. Glauber Rocha tratava a cena de “*udigrudi*”, certamente pelo seu desafeto em função da ruptura do cinema marginal com o cinema novo.

lead, reconstruir a notícia. É uma lógica baseada no conceito de informação. O desenvolvimento da web segue o mesmo princípio. A rede opera em tempo real num espaço virtual marcado pela aceleração. Neste contexto a informação reina soberana mais uma vez e, como tal, ela impõe sua força pelo próprio modelo de processo da comunicação que a gerou, concepção essa assumidamente tecnicista. Isto faz com que a urgência do jornalismo, sob o julgo de uma linguagem depurada de qualquer entropia, possa ser atualizada pela rede em tempo real. Não é mais a precariedade mas o seu oposto, a radicalidade da eficiência técnica que gera uma nova roupagem do conceito de informação a partir das novas tecnologias.

O modelo vingou em função da sua natureza pragmática, mas o problema é que ele se estagnou num dogma que não encontra mais a legitimidade que a precariedade técnica lhe garantia. A informação mudou de estatuto e, segundo o próprio plano teórico sobre o qual foi gerado este conceito, a questão que se coloca não é mais a de uma codificação eficiente que pudesse maximizar a utilização de um canal. O meio físico pelo qual se propagavam as mensagens telegráficas deu lugar a uma realidade em que impera uma complexidade de suportes pelos quais se cria uma rede mundial de computadores interconectados. O virtual é a nova dimensão da informação e, enquanto tal, sua dispersão descentrada impõe uma nova lógica. A maneira pela qual se emprega o conceito de informação no jornalismo ainda é marcada pelo tipo de informação que se atualizava num suporte concreto (canal) em sua transmissão. A nova informação é virtual, desterritorializada sobre uma complexa rede e não mais localizada sobre um canal específico. A convergência de mídias pode ser entendida como uma desterritorialização dessa ordem. É inegável que na construção da notícia o modelo tradicional do lead seja uma forma de codificação eficiente. Mas se a notícia não é mais o esteio do jornalismo impresso? seu fundamento? Se a lógica da informação que serviu de base para a geração de seu modelo não se encontra mais nas mesmas condições de sua gênese? A nova informação é descentrada e relativamente independente de um meio físico. Mesmo neste contexto onde a tecnologia se agrega a um poder que se exerce de maneira verticalizada reafirma-se ainda o tabu da objetividade jornalística. Ainda mais uma vez o leitor/navegador é assujeitado por uma transparência que o imobiliza. Descentrado,

porém, controlado por uma vigilância que não se encontra mais no alto da torre do panóptico. É diante de um cenário assim que o resgate da marginalidade do discurso jornalístico que se encontra na origem de sua estratificação representa um horizonte pelo qual se insinuam possibilidades de uma discussão de ordem ética. Um jornalismo que conteste a si mesmo como condição para uma nova ética que lhe dê um sentido crítico e não um discurso pretensamente democrático mas que reconstrói a cada signo uma situação de poder com a qual nunca conseguiu romper. Um jornalismo contracultural que retome a linha de fuga traçada pelas experiências do *new journalism* e da marginália de Torquato Neto; o *udigrudi* de Luiz Carlos Maciel. Um jornalismo de *transvaloração de todos os seu valores*, no sentido nietzschiano e, de *descentramento de todos os sentidos* tal qual na poética de Rimbaud. Somente assim é possível vislumbrar uma ruptura com a palavra de ordem que reside no termo democracia entendido como falso valor a partir de uma automatização do discurso jornalístico - normalização dos sentidos endereçada à moral de rebanho que encharca as massas.

Talvez o valor ético que venha a emergir de uma contracultura do jornalismo revisitada seja nietzschiano por excelência. Um jornalismo alternativo aos apelos ideológicos da democracia como palavra de ordem, para a qual Nietzsche apontava suas armas na figura de sua objeção ao argumento do bem comum:

300

“É preciso livrar-se do mau gosto de querer estar de acordo com muitos. ‘Bem’ não é mais bem, quando aparece na boca do vizinho. E como poderia haver um ‘bem comum’? O termo se contradiz: o que pode ser comum sempre terá pouco valor. Em última instância, será como é e sempre foi: as grandes coisas ficam para os grandes, os abismos para os profundos, as branduras e os tremores para os sutis e, em resumo, as coisas raras para os raros.”¹⁸

Neste aforismo Nietzsche explora a contradição que o termo ‘comum’ insere no valor do termo bem. Como explica o tradutor da edição brasileira, Paulo César de Souza, ‘comum’ em alemão se define pelo termo *gemein*, que significa também ao mesmo tempo

¹⁸ NIETZSCHE, Friedrich. Além do Bem e do Mal – prelúdio a uma filosofia do futuro. São Paulo, Cia. Das Letras, 1992. p. 47.

ordinário, vulgar. A refutação do ideal do ‘bem comum’ por Nietzsche se vale dessa significação: como algo vulgar pode ser um valor se o seu significado é justamente relativo àquilo que não tem valor algum. Então o “bem comum” que expressa o valor fundamental da idéia da democracia é contraditório em sua base. Essa valoração ética de Nietzsche é perigosa se o que se tem em mente é algo outro do que a democracia enquanto palavra de ordem – valor totalizante que rebate um mundo submetido à ordem de uma potência imperial imanente. Vista assim a denúncia de Nietzsche assume outra tonalidade, contrastante com a “democracia globalitária” que encarcera suas sombras em Guantanamo. “Bem comum” de um mundo transformado em mônada que se expressa na vulgarização da guerra e do terrorismo – círculo macabro da autofagia de uma serpente que constrói seu infinito ao morder a própria cauda. Tudo isto sustentado pela transparência imobilizadora da qual o jornalismo ocupa a posição de escriba. Cultura de morte que espetaculariza holocaustos. Ainda seguindo Nietzsche, mas na voz de um de seus mais brilhantes herdeiros:

“A liberdade é uma prática;... a liberdade dos homens nunca é assegurada pelas leis e instituições que visam a garanti-la. Por isso é que quase todas essas leis e instituições são perfeitamente passíveis de ser invertidas.”¹⁹

301

Um jornalismo contracultural seria um contra-investimento que despotencializaria a ordem estabelecida pela “moral de rebanho” que se esconde por trás do “bem comum” democrático. Isto demonstra ser pensável a partir da recuperação de um valor ético que foi eclipsado no pensamento político contemporâneo tornando-se secundário em relação ao ‘bem comum’:

“Ser livre, portanto, é ser capaz de questionar a política, de questionar a maneira como o poder é exercido, contestando suas reivindicações de dominação. Esse questionamento implica nosso ethos, nossas maneiras de ser ou de nos tornarmos que somos. A liberdade é, pois, uma questão de ética. ‘A liberdade’, declara Foucault, ‘é a condição ontológica da ética; mas a ética é a forma deliberada assumida pela liberdade’. Se a

¹⁹ FOUCAULT, apud. RAJCHMAN, John. Eros e Verdade – Lacan e a questão da ética. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993. p.130.

existência da liberdade na história condiciona a elaboração de uma ética, essa ética é a tentativa de dotar a existência de uma forma prática específica.”

É somente em relação à liberdade enquanto valor ético fundamental que se pode pensar uma ruptura com o valor do “bem comum” que sustenta a falsa liberdade democrática que os jornais encenam. Um jornalismo contracultural resgatando a potência do estranhamento que revela o artifício da linguagem é condição necessária para que se fale de uma liberdade outra, fundamental. O jornalismo como máquina de representar o mundo, mas um mundo povoado por um povo que virá. Uma comunidade que virá. Uma comunidade crítica em termos foucaultianos que se define pela contestação da comunidade tácita que se institui com a democracia enquanto palavra de ordem no jornalismo. Não o anonimato fantasmagórico de uma massa mas a multiplicidade de sujeitos que se constituem segundo uma ética que entende o valor da liberdade como um devir de suas práticas.

Bibliografia

ELIAS, Norbert e SCOTSON, John. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.

FAERMAN, Marcos. **O Crime no Novo Jornalismo**. VERSUS nº 03, agosto/setembro, 1983.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Jornalismo e Ciências da Linguagem**. São Paulo, Hacker, 2000

GOMES, Mayra Rodrigues. **Ética e Jornalismo** – Uma cartografia dos valores. São Paulo, Escrituras, 2002.

JOHNSON, Michael. **The New Journalism** – Understanding Press, the Artists of NonFiction, and Changes in the Established Media. Lawrence, Manhattan, Wichita, University Press of Kansas, 1971.

LEMINSKI, Paulo. **Forma é Poder**. Folha de São Paulo, Folhetim, 04/07/1982

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**. São Paulo, Manole, 2004.

MACIEL, Luis Carlos. **Nova Consciência** – Jornalismo Contracultural – 1970-1972. Rio de Janeiro, Eldorado, 1973.

MACIEL, Luis Carlos. **Geração em Transe** – memórias do tempo do tropicalismo. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1996.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do Bem e do Mal** – prelúdio a uma filosofia do futuro. São Paulo, Cia. Das Letras, 1992.

ONFRAY, Michel. **A Política do Rebelde** – tratado de resistência e insubmissão. Rio de Janeiro, Rocco, 2001.

RAJCHMAN, John. **Eros e Verdade** – Lacan e a questão da ética. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993.

RESENDE, Fernando. **Textuações** – ficção e fato no jornalismo de Tom Wolfe. São Paulo, Annablume / FAPESP, 2002.

ROSZAK, Theodore. **A Contracultura**. Petrópolis, Vozes, 1972

WISNIK, José Miguel. Ilusões Perdidas. In NOVAES, Adauto. **Ética**. São Paulo, Cia das Letras, 1992.

WOLFE, Tom. **The New Journalism**. New York, Harper & Row, 1973.

WOLFE, Tom. **The Electric Kool-Aid Acid Test**. New York, Farrar, 1968.